

ANTUNES, António Lobo. **Caminho como uma casa em chamas**. Lisboa: Dom Quixote, 2014. 357 p.

Cid Ottoni Bylaardt*

Recebido em: 23/03/2017

Aceito em: 25/05/2017

Quem lê o romance **Caminho como uma casa em chamas**, de Lobo Antunes, depara-se com 25 narrativas que poderiam muito bem ser lidas como contos. Contos contemporâneos, desvinculados das noções convencionais de trama (conflito-clímax-desenlace), ainda que conflitos e tensões não faltem às narrativas.

Além da referência a uma casa no título, o que chama a atenção, numa primeira leitura, é a arquitetura do romance, que se constrói como uma casa, ou melhor, como um prédio de apartamentos de quatro andares e mais o sótão. Cada andar do edifício abriga dois apartamentos, duas moradas. Os títulos dos “capítulos” constituem referências às localizações das moradas: Segundo Direito, Segundo Esquerdo, Terceiro Esquerdo, Primeiro Esquerdo, Rés do Chão Direito, Rés do Chão Esquerdo, Primeiro Direito, Terceiro Direito, nessa ordem, em três sequências, finalizadas por uma voz que emana do sótão. Os 25 capítulos-contos têm extensão semelhante e obedecem a uma rigorosa ordem sequencial, ainda que essa ordem e essa sequência não exerçam nenhuma influência no sentido das narrativas e do romance como um todo. Se os capítulos fossem embaralhados e colocados um a um ao sabor da sorte, a diferença não seria grande em termos de um resultado, um dizer, uma chegada do caminho percorrido.

Não obstante, chama a atenção a arquitetura desse (como dos demais) romance de Lobo Antunes, a simetria, as semelhanças formais que escondem uma extraordinária dessemelhança, a organização que parece sugerir uma estrutura definida que possa conduzir e conter a linguagem da ficção e que redunde em fracasso da linguagem, da arquitetura, da escritura.

As vozes enunciadoras do romance pertencem aos moradores desses apartamentos, ou seres relacionados a eles, dando às vezes a impressão de que é a própria morada que fala. Aí desfilam um homem míope que se casou com uma

* Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor associado II. Bolsista de produtividade do CNPq. Agradeço ao CNPq, cujo apoio viabiliza esta pesquisa.

mulher cega; uma juíza gorda e mal-amada, de 59 anos; um coronel egresso da guerra de Angola e a mulata com quem ele viveu, Sofia Rosa; um homem bêbado que vive a ameaçar a mulher e a filha; um homem judeu e sua irmã, fugidos do nazismo; um suposto subversivo — inocente ou não — preso e torturado pela polícia; uma mulher gorda e feia que anseia por um caso com o chefe de seção; uma atriz idosa que vive da glória passada e sua acompanhante. Os depoimentos, ou memórias, ou narrativas referidas pelos personagens se repetem mais duas vezes, sempre na mesma ordem, e terminam com a fala de um morador do sótão, como a pousar uma espécie de cumeeira sobre o edifício escritural.

O edifício se constrói de escritura, a começar pela própria consciência dos personagens-enunciadores, que declaram, aqui e ali, estar escrevendo. Tudo aí, então, ressuma a escritura, a mundo ficcional, destino que o livro não pode recusar nem evitar. Há uma casa em chamas, isto é, uma escritura a se incendiar eternamente, localizada numa Lisboa impossível, em um Portugal absurdo e incompreensível.

Em uma das crônicas publicadas na revista **Visão**, Lobo Antunes diz de sua dificuldade às raias do desespero para compor esse livro e comenta que, após meses de tentativas frustradas, conseguiu achar um rumo, “caminhando como uma casa em chamas num nevoeiro ardente de palavras.”(ANTUNES, 2012).

A frase “caminho como uma casa em chamas”, título do romance, está na voz de todos os enunciadores, e esse caminhar, que é o caminhar da escritura, conota desespero, desejo de fuga, inconsciência ou estado alterado de consciência, falta de orientação, aflição, medo da morte, palavras que ardem e não concluem, um caminhar desajeitado, vacilante, indeciso. Afinal, para onde caminha uma casa em chamas, qual é seu destino? Caminhar, seguir caminhando um caminho incerto, trôpego, hesitante.

Todas essas tramas escriturais compõem a casa em chamas, a escritura em chamas, que se faz de seus desastres, suas ruínas, suas perdas. Eis a negatividade da escritura antuniana, em seu caminhar sempre em chamas que nunca termina de queimar, que não se extingue totalmente. Ausência de fim é infinito, é tudo o que o escritor possui; é seu excesso e sua falta. Excesso de possibilidades; carência de limites, de regras, que compõem a existência do mundo. Há, portanto, um recuo do texto literário diante da existência, em sua impossibilidade de representá-la dentro de convenções aceitáveis; assim, a fala tagarela do romance se recusa a dizer coisas, a fazer afirmações, a buscar o sentido das coisas existentes. O

romance do honesto escritor poderia falar de questões humanas edificantes, mas fracassa, decepciona os leitores sérios, frustra as expectativas da ordem. Apesar disso, o olhar transgressor salva a literatura, que exhibe o vazio do inexistente, que se ergue de suas próprias ruínas, o desastre que as chamadas configuram na escritura arruinada, conforme dizem as últimas palavras do romance: “Sobre as tábuas de andaime em que o fogo custa a pegar de um prédio demolido.” (ANTUNES, 2014, p. 357). O prédio, o romance. Demolido, a pegar fogo sempre.

As 25 narrativas confirmam essa atmosfera de desastre, de maus presságios, de inconclusão. O pensamento de quem habita uma casa em chamas é de evadir-se, escapar da morte, mas nenhum dos moradores consegue salvar-se. As fugas são sempre malogradas, porque simplesmente não há para onde fugir.

A enunciação emanada do sótão, a última do livro, apresenta traços que provocam estupefação, admiração, e mantém em suspenso o que quer que se possa esperar do romance como desfecho, conclusão, final. O texto derradeiro, representativo do espírito da narrativa, só faz reforçar a ideia de errância da palavra que perpassa todo o romance, jamais no sentido convencional de resolução, desenlace.

A voz que se ouve pode-se associar à figura histórica de Antônio de Oliveira Salazar, que avalia as fachadas das casas em busca de um lugar onde possa descansar: “— Existirá um sótão livre nesta?” (ANTUNES, 2014, p. 347). O homem se esgueira colado às paredes, com medo de ser reconhecido e ter que voltar a mandar, aclamado pelo povo. O enunciador misterioso se apresenta como alguém fora do poder, a pronunciar um discurso sem rumo, a tentar animar cacos de lembranças. Chamado “senhor doutor” pelo médico, o personagem é ou acredita ser Salazar: “Sou eu quem manda, mas mando em quê” (ANTUNES, 2014, p. 352). Em seu imaginar, ele dá ordem aos ministros, mas mostra-se cansado do poder, “tenho saudades de me contrariarem, me ralharem, tomarem conta de mim” (ANTUNES, 2014, p. 350), como ocorria na infância, na casa da mãe. Ainda assim escuta frequentemente as aclamações em praça pública, “Salazar, Salazar, Salazar!” (ANTUNES, 2014, p. 354).

Esse Portugal indeciso da ficção se ressentido da falta de alguém que mande, que dê ordem e sentido às coisas, que organize sua escritura. Esse alguém, entretanto, não se faz presente, a escritura não tem onde buscá-lo, ainda que faça uma tímida tentativa, na derradeira enunciação, de organizar um pouco o discurso da literatura.

Há uma nova vertente, ou fase da literatura portuguesa, na qual se inclui a ficção de Lobo Antunes, em que problemas históricos, como a ditadura ou a guerra

colonial, aparecem não mais como denúncia ou afirmação de identidades ou dignidades, mas como significações imaginárias em que as temáticas comparecem como afirmação do vazio da linguagem e da morte. Assim, durante a leitura desse romance, é preciso colocar entre parênteses, ainda que contra a vontade espontânea, os fatos históricos da perseguição aos judeus pelos nazistas, da colonização de Angola pelos portugueses, da ditadura salazarista, uma vez que essa parte do real aparece no texto como ressonâncias, vibrações, e não como relatos exemplares.

Eis aqui mais um desastre escritural de Lobo Antunes. Usamos o termo desastre na acepção que lhe confere Maurice Blanchot: o mundo ficcional não se contém em limites, vazando-os, extravasando-os. Os enunciadores, bem como seus discursos, não sabem aonde vão, tanto em seu mundo ficcional quanto na construção de sua escritura. Caminhando como uma casa em chamas, o texto não chega a lugar nenhum, não termina nem conclui, em sua morte impossível, em seu constante morrer. O desastre da escritura é o desastre do olhar de Orfeu, que perde Eurídice, traindo inevitavelmente a lei do dia. O desastre do inorganizável é confirmado pela presença, ao final, da figura de um Salazar caricato que se recusa a desempenhar o papel de autoridade, de defensor da ordem. E sem ordem nem autoridade terminam as páginas desse livro-desastre. O que se salva é a linguagem, a escritura de Lobo Antunes, e é ela que faz dele o grande escritor que é.

Referências

ANTUNES, António Lobo. **Caminho como uma casa em chamas**. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

ANTUNES, António Lobo. Crônica de 23/02/2012. Revista **Visão**. Disponível em: <www.visão.sapo.pt>. Acesso em: 24 nov. 2016.